

Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

A POESIA INSUBMISSA DE GILKA MACHADO



THE INSUBMISSIVE POETRY OF GILKA MACHADO

Mary Nascimento da Silva Leitão
UFC, Brasil

Elizabeth Dias Martins
UFC, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 01/12/2017 • APROVADO EM 30/06/2018

Abstract

Studies about Gilka Machado's work are recent. For a long time the author was hidden or forgotten in the midst of so much research that always left the female writers in the background. The expansion of these studies only came with the concern to write a Women's History, fact occurred from the second half of the twentieth century. In addition, the poet from Rio de Janeiro was marked by his writing erotic nature. It was the first Brazilian writer to subvert the customs of the literary production of the time. In this respect, we present an approach of the work *Mulher nua* (1922), constructed in the light of unsubmissive poetry theory developed by Roberto Pontes (1999). We rescued some historical data to prove the fact that the author be considered unruly. We return to this end, the ideas of Michelle Perrot (2008) and Lucia Castello Branco

(2004). We have analyzed some poems from *Mulher nua* that led to reflection on the poet's role in society in general, since ancient times.

Resumo

Os estudos acerca da obra de Gilka Machado são recentes. Por muito tempo a autora esteve escondida ou mesmo esquecida em meio a tantas pesquisas que sempre deixaram as escritoras femininas em segundo plano. A ampliação desses estudos só veio com a preocupação de se escrever uma História da Mulher, fato ocorrido a partir da segunda metade do século XX. Além disso, a poeta carioca ficou marcada por sua escrita de cunho erótico. Foi a primeira escritora brasileira a subverter os costumes da produção literária da época. Apresentamos uma abordagem da obra *Mulher nua* (1922), construída à luz da teoria da **poesia insubmissa** desenvolvida por Roberto Pontes (1999). Resgatamos alguns dados históricos para comprovar o fato da autora ser considerada insubmissa. Retomamos, para esse fim, as ideias de Michelle Perrot (2008) e Lucia Castello Branco (2004). Analisamos alguns poemas de *Mulher nua* que levaram à reflexão acerca do papel do poeta na sociedade, de modo geral, desde tempos remotos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Gilka Machado. Unsubmissive poetry. Woman.

PALAVRAS CHAVE: Gilka Machado. Poesia insubmissa. Mulher.

Texto integral

INTRODUÇÃO

*Ser mulher, e, oh! atroz, tantállica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!*¹

O poema “Ser mulher”, de Gilka Machado², publicado em 1915, apresenta uma mentalidade que vem persistindo ao longo dos séculos em torno do ser feminino. Uma análise histórica certamente não contribuiria de modo efetivo para a compreensão da situação da mulher nas diversas sociedades, já que a ela sempre foi negado um espaço digno, seja em meio aos cânones (ou não) literários, seja entre os grandes feitos históricos, ou nos mais básicos relatos. É recente essa preocupação em resgatar a escrita feminina, a participação da mulher na história e até garantir sua simples presença nos ambientes públicos. Desse modo, não podemos deixar de apreciar a produção literária de Gilka da Costa de Melo Machado, poeta carioca, que nasceu em 1893 e, como tantas outras, fez do conjunto de seus textos um instrumento de combate às injustiças e aos preconceitos contra a participação feminina.

Integrante de uma família de artistas, Gilka não poderia ser diferente. Escrevia desde os treze anos e foi agraciada com diversos prêmios na poesia. No *Dicionário mulheres do Brasil* (2000) encontramos uma descrição da autora a merecer os adjetivos “poetisa, sufragista e feminista”, os quais já apontam para o caráter insubmisso encontrado em sua obra. Segundo o mesmo dicionário, a escritora “foi pioneira na utilização do erotismo na poesia feminina brasileira” (SHUMAHER & BRAZIL, 2000, p.249).

Trabalhar essa temática no início do século XX, certamente foi atitude determinante para incluí-la em meio às poucas mulheres representativas da literatura brasileira da época. Todavia, não se trata apenas de uma inserção no meio literário, mas também do reconhecimento de que seus textos representam boa parte das mulheres que não tinham direito à palavra. Por muito tempo sua produção literária ficou ainda escondida, ou mesmo esquecida, não à toa. Afinal, não seria interessante para uma sociedade ainda patriarcal oferecer espaço para manifestação de mulheres que, de certo, logo conquistariam os mesmos patamares ocupados pelos homens.

Gilka Machado esteve em meio a manifestações literárias no final do século XIX e início do século XX. Todavia, não aderiu às pressões realizadas pelos poetas da época. Pelo contrário, seus textos demonstram a superação dos preconceitos em vigor e a propagação de significativa parcela de sensualidade, incomum para o seu tempo, principalmente por ser ela mulher. De acordo com Hebe C. Boa-Viagem A. Costa (2005), a autora reivindicava o direito de poder tomar decisões sobre seu próprio corpo, inclusive de representá-lo poeticamente. Eis, então, um dos motivos de Gilka ter escolhido o mote do desejo feminino para sua poesia.

UMA LEITURA DE MULHER NUA

A imagem da autora carioca hoje propagada foi construída ao longo de mais meio século, período em que publicou os seguintes livros de poemas: *Cristais partidos* (1915), *Estados d'alma* (1917), *Poesias* (1918), *Mulher nua* (1918), *Meu glorioso pecado* (1928), *Carne e alma* (1931), *Sublimação* (1938), *Meu rosto* (1947), *Velha poesia* (1965), *Poesias completas* (1978). É importante salientar que *Poesias* foi uma publicação que reuniu as duas primeiras obras, e *Meu rosto* reuniu todos os livros e mais alguns poemas inéditos. Ainda em 1916, Gilka Machado proferiu uma palestra com o título “A revelação dos perfumes” que, por conta da repercussão em 1932, também foi publicada. São exemplos que comprovam a relevância da produção literária dessa autora carioca que, irreverente à sua época, acabou sendo excluída de muitos compêndios representativos para os estudos da literatura.

Desse modo, escolhemos *Mulher nua* no intuito de apresentar uma leitura à luz da teoria da **poesia insubmissa**, desenvolvida por Roberto Pontes³ (1999), que busca caracterizar a poesia subversiva, aquela que toma a palavra como arma, como veremos mais adiante.

Ao retirar a mulher da condição em que comumente estava inserida e representá-la como problematizadora da sua própria situação, Gilka Machado passa a ser vista como revolucionária e insubmissa. A sensualidade presente em seus textos não é apenas mera exploração de sentimentos. Ao contrário, trata-se de uma voz que se impõe deixando claro que ela pode manifestar-se do modo como achar conveniente, sem ver-se aprisionada pelos ditames sociais. Essa ideia é perceptível já no primeiro poema de *Mulher nua*, publicado em 1922:

Comigo mesma

Numa nuvem de renda,
musa, tal como a Salomé da lenda,
na forma nua
que se ostenta e estua,
— sacerdotisa audaz —
para o Amor de que és presa,
rasgando véus de sonho dançarás
nesse templo pagão da Natureza!

Dançarás por amor das coisas e dos seres,
e por amor do Amor...
tua dança dirá renúncias e querereres;
faze com que desfira
tua lira
gargalhadas de gozo e lamentos de dor,
e possas em teu ritmo recompor
tudo que viste extática, surpresa,
e a imprevista beleza,
a beleza incorpórea
dos perfumes e sons indefinidos
de tudo que te andou pelos sentidos,
de tudo que conservas na memória.

Dize da Natureza em que à luz vieste,
dize dos seus painéis encantadores,
dize da pompa, do esplendor celeste
das suas noites, dos seus dias,
e animisa com teus espasmos e agonias
as expressões com que a expressando fores.

Alma de pomba, corpo de serpente,
enche de adejos
e rastejos
teu ambiente,
caiam em torno a ti pedras ou flores
de uma contemplativa multidão:
de lisonjeiros. e de malfeitores
cheias as sendas da existência estão.
Toda de risos tua boca enfeita

quando te surja um ser sincero, irmão,
e sejas sempre pura, espelhante, perfeita,
na verdade da tua imperfeição.
Musa satânica e divina
ó minha Musa sobrenatural,
em cujas emoções, igualmente, culmina
a sedução do Bem, a tentação do Mal!
em teus meneios languídos ou lestos
expõe ao Mundo que te espia
que assim como há na Dança a poesia dos gestos,
ha nos versos a dança da Poesia.

Dança para esse gozo,
o grande gozo maternal
da Terra,
que te fez sem igual,
e, envaidecida,
em seu amor te encerra,
amando em ti a sua própria vida,
sua vida carnal
e espiritual.

Torce e destorce o ser flexuoso
e estoso
ó Musa emocional!
maneja os versos
de maneira tal
que eles se fiquem pelos séculos dispersos,
com os ritmos da existência universal.

E a dançar,
a dançar,
num delicioso sacrifício,
patenteia a nudez desse teu ser puníceo
ante o sereno altar
do Deus que te domina.
Que importa a injúria hostil de quem te não compreenda?
Dança, porém, não como a Salomé da lenda,
a lírica assassina:
dança de um modo vivificador;
dança de todo nua,
mas que seja a nudez sensual da dança tua
a imortalização do teu glorioso Amor!"

(MACHADO, 1922, p. 15-19)

Desde o título, encontramos nesse poema a presença de uma duplicidade que se entrecruza e se torna una. “Comigo mesma” leva-nos a crer na existência de um ser que está em contato consigo próprio. Ou seja, há um sentimento, uma ideia, um pensamento que brota a partir do momento em que o *eu lírico* se volta para o mundo

interior. Esse momento de encontro é comparável ao entrecruzamento da poesia com a dança, metaforizado no texto. É um movimento em busca de libertação.

O *eu lírico* não está para ser especificado nem nomeado. Trata-se, na realidade, de uma imagem-símbolo, representativa de todas as mulheres. A inserção da dança no poema surge com a imagem de Salomé, personagem bíblica que historicamente ficou conhecida como “aquela que detém o poder”. Embora no *Livro Sagrado* tenhamos mais de uma personagem com esse nome, a Salomé descrita é a filha de Herodes Filipe e Herodiades. A sua história é interessante: Herodes Antipas, meio irmão de Filipe, tomou a esposa de seu parente e casou-se com esta, fazendo de Salomé sua enteada. Aproximando-se a Páscoa, Antipas resolveu celebrar o seu aniversário com a oferta de um banquete em Tiberíades. No momento da festa, Salomé foi convidada pelo padrasto a dançar para os convidados. Tendo gostado bastante daquela apresentação, Herodes prometeu realizar qualquer desejo da enteada. Aconselhada pela mãe, Salomé pediu a cabeça de João, o Batizador. E assim aconteceu:

³Herodes, com efeito, havia mandado prender, acorrentar e encarcerar João, por causa dos Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe,^a⁴pois João lhe dizia: “Não te é permitido tê-la por mulher”.⁵Queria matá-lo, mas tinha medo da multidão, porque esta o considerava profeta. ⁶Ora, por ocasião do aniversário de Herodes, a filha de Herodíades^b dançou ali e agradou a Herodes, que ⁷por essa razão prometeu, sob juramento, dar-lhe qualquer coisa que pedisse. ⁸Ela, instruída por sua mãe, disse: “Dá-me aqui num prato, a cabeça de João Batista”. ⁹O rei se entristeceu. Entretanto, por causa do seu juramento e dos convivas presentes, ordenou que lha dessem. ¹⁰E mandou decapitar João no cárcere. ¹¹A cabeça foi trazida num prato e entregue à moça, que a levou à sua mãe. Vieram então os discípulos de João, pegaram o seu corpo e o sepultaram. Em seguida, foram anunciar o ocorrido a Jesus (MATEUS 14, 3-12).

A imagem da mulher sedutora, que envolve o público através da dança é acolhida no texto de Gilka Machado para mostrar uma das possíveis facetas do modo de ser feminino. A autora rompe com o modelo da mulher fragilizada para dar vez a outra, perspicaz e audaciosa, ainda que capaz de portar-se de modo perverso.

Gilka Machado continua o poema, cuja escrita se constrói em segunda pessoa, com o *eu poético* monologando acerca do modo como a mulher dançará: “Dançará por amor das cousas e dos seres”. E nesse sentido, relaciona o ato de dançar com a própria poesia: “tua dança dirá renúncias e querereres”. A ideia é apresentar, através dos movimentos do corpo, tudo aquilo que ela pensa ou sente. A dança, assim como a poesia, é expressão. E tanto num quanto noutra vai expresso o que o mundo desperta na alma. E, muito mais que isso, esse verso apresenta um desejo, ou mesmo uma profecia: através da dança a mulher dirá o seu desejo. Ela terá o poder de

decidir, de denunciar, de fazer o que quiser. Assim como Salomé, terá o poder de revelar e realizar os seus anseios.

De acordo com Lúcia Castello Branco (2004, p. 103), “a capacidade de erotizar o discurso, ou de escrever com o corpo, como num ato de entrega total, também já foi aventada como característica da escrita feminina”. Eis, no trecho, uma relação entre escrita e corpo que se adequa de modo justo à produção da poeta carioca. Essa ideia da escrita feminina está naturalmente ligada ao erotismo e Lúcia Castello Branco a focaliza a partir da relação entre as obras de Gilka Machado e Florbela Espanca.

Segundo a mesma autora, “ambas transitaram entre a sensualidade insaciável e a santidade fanática, entre a paixão desenfreada e o amor fraterno-cristão” (BRANCO; BRANDÃO, 2004, p. 99).

Trata-se de um dos frequentes paradoxos que encontramos de modo na obra de Gilka. Mais adiante no poema “Consigo mesma”, desenvolve a dicotomia tantas vezes associada à mulher na Idade Média, considerada ao mesmo tempo a imagem do Bem e do Mal. Essa “alma de pomba, corpo de serpente” provoca a multidão em sua volta, levando-a a arremessar-lhe tanto pedras quanto flores.

A figura feminina é constantemente associada à musa, “satânica e divina” simultaneamente, por isso, “sobrenatural”, embora também seja uma “musa emocional”. A emoção, que tem o poder de dominar esse ser tantas vezes nomeado frágil, é na verdade o que a conduz no processo de manejo dos versos. E qualquer injúria advinda dos que não a compreendem deve ser desconsiderada. A relevância está no ato de “dançar de um modo vivificador”. E então a autora retoma o início do poema para dizer que este ato deve se diferenciar do de Salomé, pois agora é necessário haver autenticidade. A dança deve expressar a emoção daquela que se movimenta. É uma espécie de busca da própria verdade. A nudez citada é metafórica no sentido de mostrar a transparência da mulher, sem máscaras, sem tentativas de agradar a alguém que não ela mesma. A expressão artística contribui para a imortalização dos sentimentos, os quais devem ser explicitados sem vestimentas, essencialmente nus.

Em *Poesia insubmissa afrobrasílusa*, Roberto Pontes diz que “escrever poesia é certamente o maior compromisso que pode um homem firmar consigo mesmo” (PONTES, 1999, p. 24). E essa citação combina duplamente com o poema que acabamos de ler: por um lado porque os versos de “Comigo mesma” intrinsecamente carregam, de modo geral, um compromisso com a mulher; por outro, porque identifica uma poesia engajada, com o intuito de firmar-se no seu tempo, mesmo sabendo que este não combina com os parâmetros que a autora tentou apregoar.

Desse modo, encontramos nos versos de Gilka Machado uma autoafirmação da voz feminina que, a todo instante, mostra sua importância e insubordinação diante dos homens e do mundo. Essa ideia é notável pela própria temática da obra de que nos ocupamos nesse estudo. A sensualidade, explicitamente inserida nos versos de Gilka, certamente difere da de outras produções literárias da época. A autora carioca foi a primeira poeta brasileira a ousar literariamente na escrita. Uma

mulher do início do século XX normalmente não faria em seus versos tal afirmação: “Foi numa noite assim que nos amamos”⁴. Muito menos diria: “Ai quem me dera ser o intenso/ frio desta hora em que te penso!/ - Tomar-te as mãos, o busto, a boca, / e te envolver de lado a lado/ e te deixar branco, espasmado, / por meu querer talvez de louca”⁵. Segundo Lúcia Castello Branco, “a ousadia, portanto, consistiu em invadir um terreno que não lhes pertencia (e que até hoje não pertence à mulher): o da expressão de uma sexualidade às claras, sem disfarces e sem sublimações; o direito ao uso e abuso do próprio corpo” (2004, p.112).

A insubmissão revelada na poesia de Gilka Machado encontra-se “no tom de luta e libertação” (PONTES, 1999, p.30) que envolve cada verso da obra. A presença do enfrentamento da realidade é observável a partir do instante em que se dá a quebra da imposição de preconceitos por uma mulher perante a sociedade. Trata-se da voz de um eu-lírico feminino que se mistura com a voz da poeta, representando toda uma coletividade. Fugindo das características do ensimesmamento, encontramos na poesia de Gilka tanto a busca da objetividade quanto da subjetividade. A sutileza dos versos e a beleza dos elementos sensuais e eróticos mesclam-se a uma atitude segura de posicionamento diante da sociedade. E, vale ressaltar, ele representa uma realidade criada. O **poeta insubmisso** é consciente do poder que possuem seus versos e do efeito que pode causar nos leitores. Ele sabe que as palavras são como sementes que germinam em terras de diferentes tipos. Cada leitor representa um tipo de terra.

Essa mesma ideia encontramos no poema “Página esquecida”, do qual transcrevemos o trecho a seguir:

No vestido que trago
há um macio debrum, debrum de arminho;
este vestido, em qualquer parte,
faz-me sentir-te, faz-me gozar-te
roçando-me a garganta, de mansinho,
de um modo quase etéreo, muito vago.
Acham-me todos diversa, estranha,
sempre que este vestido me acompanha.
Assim feito, enfeixado numa boa,
este vestido (devo t’o dizer)
me enlanguesce, me acarinha, me atordoa
e me sufoca de prazer.

(MACHADO, 1922, p.54)

Comentando palavras de Pablo Neruda (1977) acerca do dever do poeta, Roberto Pontes (1999) discorre sobre a importância da missão assumida por este, que tanto anseia por mudança. De certo, Gilka assumiu um compromisso com o gênero feminino ao edificar uma obra repleta de elementos eróticos e sensuais, explorando e detalhando seu modo de ser e sentir, sem curvar-se diante de possíveis

confrontos de ideias. Ora, por muito tempo à mulher ensinou-se ser preciso manter o silêncio perante o homem e a realidade. E a mentalidade que a exprime se faz presente mesmo em textos bíblicos consideravelmente propagados pelo cristianismo, por séculos, mormente na Idade Média:

⁹Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérola ou vestuário suntuoso, ¹⁰ mas que se ornem ao contrário, com boas obras, como convém às mulheres que se professam piedosas. ¹¹ Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. ¹² Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. ¹³ Porque primeiro foi Adão, depois Eva. ¹⁴ E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. ¹⁵ Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade (1TIMÓTEO 2, 9-15).

O silêncio da mulher resultou, conseqüentemente, no das fontes e dos relatos. De acordo com Michelle Perrot (2008), as mulheres deixaram poucos vestígios; fato justificável pelo tardio acesso à escrita. E quanto aos relatos históricos, estes sempre tiveram como protagonistas os guerreiros romanos e gregos, homens públicos. Tal mentalidade foi disseminada ainda na medievalidade, na escrita das crônicas e da vida dos santos. Já no “século XVIII e principalmente no século XIX, a história torna-se mais científica e profissional. Daria um espaço maior para as relações entre os sexos? Apenas um pouco” (PERROT, 2008, p.18).

Assim, somente no século XIX os relatos envolvendo mulheres passam a ser mais frequentes. Histórias de santas, rainhas e mulheres ilustres começam a ganhar espaço no Ocidente. Mas as mulheres só terão acesso à universidade depois da Primeira Guerra Mundial. E a efetiva História da Mulher só tem início na segunda metade do século XX, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, embora já existisse desde a criação da humanidade.

Com isso, podemos constatar que nos reportamos a uma história tardia. A mulher só ganhou voz, com muita luta, em meados do século passado. Gilka Machado, então, subverteu a mentalidade de uma época em que o silêncio de sua classe era norma social. Tal fato é o que a torna uma **poeta insubmissa**. A sua insubmissão não liga diretamente seus versos à política, ou a lutas sociais. Mas, indiretamente sim, fato compreensível por se tratar de texto poético. Segundo Pontes (1999, p.33), “a investidura do poeta na época moderna se faz mediante um pacto com a vida civil; equivale dizer com os outros, e, conseqüentemente, com a ação política”. Assim, o que a inclui nessa categoria é o fato de ser mulher e de escrever versos subversivos, no atinente à liberdade individual feminina, no momento histórico em que viveu:

Quando em teu corpo forte o forte corpo aprumo
Eu me sinto disposta a lançar-me sem rumo
às conquistas da Glória e às conquistas do Amor!

(MACHADO, p.63)

O trecho acima é parte do soneto “No cavalo”, no qual o *eu lírico* feminino descreve o quanto o seu animal é belo e heroico. O domínio que deveria partir dela, na realidade parte do ser masculino. Em todo o poema nota-se o duplo sentido com que a autora constrói seu texto, deixando-nos imaginar as ações do animal numa perspectiva humana. E, sendo humano, dá-nos a perceber elementos sensuais que entrecruzam este com elementos animais. Referida intencionalidade é perceptível na segunda estrofe quando lemos o verso: “E um desejo que espera a humana direção”. E mais adiante a poeta afirma que os sentimentos deles – *eu lírico* e cavalo - vão se compreendendo. Por um lado, observamos o companheirismo de um ser humano e de um animal que vai estreitando laço ao longo da vida. Por outro, identificamos uma metáfora que relaciona o cavalo ao homem forte cujo corpo dá segurança à mulher disposta a entregar-se ao amor. Certamente, essa entrega dita em versos não era comum à época da escritora Gilka Machado, fato que a torna a primeira autora brasileira a tratar da temática amorosa num âmbito sensual e, também, erótico.

Essa relação do humano com o animal, sem dúvida, não se encerra nesse texto. Noutro, intitulado “Felina”, no qual homenageia sua gata, Gilka associa os anseios de uma mulher com o modo de ser do referido animal:

Tens muito de mulher, nesse teu mundo,
lírico ideal que a vida te emaranha,
pois meu ser interior vejo desnudo
se te investigo a mansuetude e a sanha.

(MACHADO, 1922, p. 67)

Certamente, a perspicácia e a doçura são elementos comuns à gata e à mulher. São atributos que fazem delas ao mesmo tempo encantadoras e perigosas, identificação que acrescenta à imagem feminina, comumente ligada apenas à serenidade e brandura, certa dose de braveza.

Esse paradoxo presente em grande parte dos textos da poeta carioca, e que esteve presente na obra de diversos escritores, principalmente no período do Barroco, é uma espécie de tormento que explicita as angústias vivenciadas pela mulher, representada por um *eu lírico* feminino recorrente nos textos de *Mulher nua*:

Existe um bem e um mal
Na expressão desta voz sentimental:
Um mal para o prazer, um bem para o pesar,
Um mal que delícia, um bem que faz chorar.

(MACHADO, 1922, p.85)

O próprio título do poema acima se propõe por um oxímoro: “Alegria da tristeza”, identificando-se assim a reflexão das angústias femininas sempre tensionadas nos polos do Bem e do Mal.

Ao longo da história, várias foram as tensões que permearam a imagem da mulher, principalmente quando o assunto é a sua sexualidade. De acordo com Michelle Perrot (2008, p. 65), “a sexualidade das mulheres é um mistério considerado como tal. Misteriosa, a sexualidade feminina atemoriza. Desconhecida, ignorada, sua representação oscila entre dois polos contrários: a avidez e a frigidez”. A avidez, segundo a estudiosa, é pelo fato de as mulheres serem vistas como “um poço sem fundo, onde o homem se esgota, perde suas forças e sua vida beira impotência” (PERROT, 2008, p.65). E a frigidez refere-se à “ideia segundo a qual as mulheres não sentem prazer, não desejam o ato sexual, uma canseira para elas” (PERROT, 2008, p.65). Michelle Perrot (2004, p.66) diz ainda que “as mulheres cuja sexualidade não tem freios são perigosas. Maléficas, assemelham-se a feiticeiras, dotadas de ‘vulvas insaciáveis’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o exposto, quisemos mostrar algumas visões que historicamente foram difundidas acerca da mulher. E, claro, muitas dessas ideias ainda insistem em permanecer na mentalidade vigente em determinadas sociedades. Considerando essa tradição, podemos dizer que Gilka Machado é subversiva, já que rompeu com o costumeiro silêncio feminino. Entretanto, ainda encontramos em sua obra, resíduos da mentalidade supracitada, na qual a mulher é vista, muitas vezes, como elemento negativo, sendo estereotipada segundo a perspectiva masculina, numa imagem constantemente tensionada entre o Bem e o Mal. Tratar dessa realidade no texto poético faz dele insubmisso. Roberto Pontes afirma que a **poesia insubmissa** “opera a síntese dos contrários, pois o poeta que a escreve pode lidar com duas ordens de realidade: a objetiva e a subjetiva” (PONTES, 1999, p. 33).

Portanto, o poeta é consciente do seu papel diante da realidade que o cerca, não a deixando passar despercebida diante dos olhos. Ele une a sensibilidade do olhar, à fortaleza e, muitas vezes, à crueldade do real. Assim, mesmo quando Gilka Machado versifica com alto teor lírico, aparentemente ensimesmado, naturalmente expõe a luta que abraça, representando todas as mulheres do passado, do presente e do futuro. Pensando nisso, observemos um trecho de “Ânsia múltipla”:

Na solidão,
Teu beijo ganha mais calor e outra extensão:
largo, infinito, eletrizante,
sinto-o em tremores e em desmaios, vestir-me o corpo a cada
instante,
qual uma túnica de raios!
Teu beijo dá-me a sensação
De uma carícia que perfura.

(MACHADO, 1922, p.100)

A obra de Gilka Machado causou inquietação em sua época. E se tornou a principal representação feminina do início do século XX. Embora muitas outras mulheres possam ter escrito acerca de temas eróticos, no Brasil a primeira a ser reconhecida, ainda com limitações, foi Gilka Machado. A sensualidade identificada no neste último poema é exemplo dessa característica marcante da obra poética dessa notável carioca. Ela fez uso da “palavra como arma” ao inserir em sua poesia os sentimentos comuns a todas as mulheres, cujas sensações foram, de modo preconceituoso, repelidas durante séculos. Com coragem, Gilka apropriou-se de um papel geralmente assumido pelo homem. Exemplo disso é o fato do *eu lírico* feminino expressar claramente o desejo pelo sexo masculino, numa realidade em que a mulher é que normalmente ocupava o lugar de objeto de aspiração.

Segundo Roberto Pontes (1999, p. 45), “se há sentido na poesia, há também nela expressa uma atitude mental do poeta diante da vida”. Então, fazer uso da palavra poética já é assumir um compromisso com a época e a sociedade em que se vive. No caso de Gilka, além de expor e compartilhar sensações, ela representou todas as mulheres sem voz, ao transgredir com o que lhe era imposto até aquele momento. Este foi o pacto feito entre a mulher, a poeta, e a humanidade.

Notas

1 Trecho do poema “ser mulher”, de Gilka Machado, publicado no livro *Cristais partidos* (1915).

3 Cf. *Poesia insubmissa afrobrasílusa*

4 “Inverno”, p.41.

5 “Noites de junho”, p.47.

Referências

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BRANCO, L.C. e BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

COSTA, H. C. B. V. A. **Elas, as pioneiras do Brasil**: a memorável saga dessas mulheres. São Paulo: Scortecci, 2005.

MACHADO, G. da C. M. **Mulher nua**. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1922.

_____. **Poesias completas**. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991, p. 106.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi**. São Paulo: Difel, 1977

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. – 1ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

PONTES, R. **Poesia insubmissa afrobrasilusa**: estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto/ Fortaleza: EUFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

SCHUMAHER, M. A. e BRAZIL E. V. **Dicionário mulheres do Brasil**: De 1500 até a atualidade - Biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

Para citar este artigo

LEITÃO, Mary Nascimento da Silva; MARTINS, Elizabeth Dias. *A poesia insubmissa* de Gilka Machado. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 242-254.

As Autoras

Mary Nascimento da Silva Leitão é doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Ceará com área de concentração em Literatura Comparada. Mestre em Letras pela mesma universidade. Graduada em Letras com habilitação em Português e Literatura também pela Universidade Federal do Ceará..

Elizabeth Dias Martins é doutora em Letras pela PUC-Rio. Pós-doutorado em Literatura Portuguesa - UERJ-Universidade de Coimbra. Professora do Departamento de Literatura e do PPGLetras da Universidade Federal do Ceará. Autora dos livros *Rastros de Érato e Clio* e *Do fragmento à unidade, a lição de gnose almadiana*.